

Adriano Motta
curadoria de Guilherme Gutman

Abertura — 01 Fevereiro 2017

Space Trema

“Um cão na escadaria do convento de freiras me espreitava sentado em posição ereta. Olhou-me sério e levantou uma das patas dianteiras quando cheguei perto. Casualmente seguia, uns metros à minha frente, o mesmo caminho, um outro homem, que rapidamente alcancei e perguntei logo se o cão se tinha apresentado a ele. Um 'não' admirado do outro deu-me a certeza de que aqui eu tinha a ver com uma clara revelação”.

Kurt Schneider

“À primeira vista”, se diria em um determinado jogo de linguagem, que é aquele no qual a expressão denota o desconcerto e o arrebatamento: “amor (ou horror) à primeira vista.

A primeira vez que vi um trabalho de Adriano Motta, fui desestabilizado pela sensação de ter sido antes visto pela tela e só depois, de tê-la visto. Na verdade, me pareceu que o cachorro retratado me olhava sério, ainda que sem levantar a pata.

Até aí, não saberia dar nome ao que eu mesmo experimentava, o que aproximava a minha experiência de uma outra, nomeada “trema”, essa estranheza radical que, com frequência, antecede a abertura de um delírio.

Ser olhado, vigiado, medido e avaliado, objeto de bons ou de maus planos por parte do cachorro, tornou-se, então, uma experiência estranha e única.

Eu era alguém que experimentava, então, algo “fora dos sulcos”, etimologicamente, ao menos, eu delirava.

Embora plenamente vinculado ao seu tempo, há algo renascentista no modo como Adriano Motta constrói o seu trabalho. Da vastidão de sua curiosidade e da amplitude de seus interesses, resulta uma obra sortida - pinturas, desenhos, objetos, pôsteres, livros, zines, vídeos e experimentações sonoras - que obtém organicidade pela marca de seu estilo.

No centro de seus trabalhos gravitam, também, os seus globos celestes que, fantásticos, escandem passado, presente e futuro, alterando a nossa percepção do mundo e da vida de agora, atributo da boa arte.

O globo pequeno - ainda que remeta à extensão de um planeta - é algo abordável, tal como um mapa ou como peça de um gabinete de curiosidades oitocentista: coisas recolhidas em latitudes e longitudes diversas e de um tempo passado.

O primeiro globo é um pequeno objeto que poderíamos conter em nossas mãos, mas ele é acima de tudo fantasmático, sem ignorar as marcas do passado, toda a sua verdade, retorna assintótica do futuro para derramar a sua nova rede de sentidos no presente, inventando mitos.

O grande globo, por sua vez, e muito ao contrário do pequeno, não é um objeto que possamos olhar com mansidão ou manusear com altivez; somos observados e, em algum grau, submetidos por ele. Essa submissão, nos torna seres diminutos, liliputianos percorrendo a sua superfície fantástica.

Somos enredados por suas corporações: seus exércitos, suas tribos, seus cardumes de clitóris, suas revoadas de aviões e pelas matilhas de um novo bestiário, do qual também fazemos parte. Trata-se então de - caça ou caçador - palmilhar o seu solo, combater como se combate na vida, viajar como viajamos em sonhos, esperar a noite e o dia, despucelar o que há, comer e ser comido pelo “poeta forte”, duvidar e ajoelhar-se diante da “divindade cão”.

Encontramos também aí, o fio do humor sofisticado com que Adriano cobre a superfície lunar: oficiais do esquadrão anti-bombas com suas sacolas de compras, prisioneiros de Guantánamo patrocinados pela Adidas, naufragos sui generis, corais vaginiformes, pornografia fantástica, santos de duas cabeças e uma tropa de choque espancando um ganso.

Esta é a maior força do grande globo celeste; e também a sua maior singeleza.

Como não ser seduzido por ele, ou, contraface do encanto, esmagado por ele? Tal pode ser a experiência de muitos visitantes ao circunda-lo no estreito corredor em que está colocado durante a exposição.

Adriano, naturalmente, não está só.

O olhar de Goya é aquele que o atinge mais diretamente. Simultaneamente, e sem paradoxo, este olhar lhe pesa, mas também o compele a trabalhar.

Suas luzes e sombras estão presentes nesta exposição, sugeridas pela superposição de pinturas e desenhos de tamanhos variados, sobre duas grandes telas. Nestas composições, alguns dos trabalhos são apenas parcialmente visíveis, o que significa manter parte das imagens para sempre ocultadas.

A primeira vez que vi um trabalho de Adriano Motta, fui desestabilizado pela sensação de ter sido antes visto pela tela e só depois, de tê-la visto. Na verdade, me pareceu que o cachorro retratado me olhava sério, ainda que sem levantar a pata.

Há também a viagem aos “paraísos artificiais” de Baudelaire, de Benjamin ou de Burroughs, que a nova fauna apresentada por Adriano - pulsante em seus cogumelos e em seus corais e meio a plantas terrestres - não nos deixa esquecer.

Das viagens que conhecemos, há sempre lugar para as ilusões, ou mesmo para alucinações sonoras. É possível que alguém se pergunte: “Será que de fato escutei o que acaba de ser dito? O som daquela voz (que não consigo distinguir daqui, de onde estou, se é a voz de meu filho ou de meu pai) é “real” ou está “dentro”, misturada a pensamentos confusos?”

Lacan relata que ao ser acordado de um sono vespertino por batidas em sua porta, entendeu que aquilo que realmente o despertou não foi propriamente a audição das batidas reais, isto é, aquelas que “produzidas no mundo”, retornariam a ele. Mas sim por algo mais complexo: a sua própria elaboração onírica das “batidas reais” que, amalgamadas ao trabalho dos sonhos - fundamentalmente, deslocamentos e substituições -, finalmente o pôs acordado.

Há algo de sabor contraintuitivo nessa asserção lacaniana, mas é precisamente esse distanciamento da compreensão mais corrente da experiência que estamos aqui a cercar. A razão para esse tour de force é a crença de que o trabalho de Adriano Motta, posto que caminha por canalículos incomuns, pede ao visitante que procure o absorver como no exemplo das batidas na porta. A combinação de estímulos visuais e sonoros não exige que distingamos o que “vem de fora”, daquilo que “vem de dentro”; só assim pode-se estar, tanto quanto possível, knocked em pleno espaço expositivo.

como peça de um gabinete de curiosidades oitocentista: coisas recolhidas em latitudes e longitudes diversas e de um tempo passado.

O primeiro globo é um pequeno objeto que poderíamos conter em nossas mãos, mas ele é acima de tudo fantasmático, sem ignorar as marcas do passado, toda a sua verdade, retorna assintótica do futuro para derramar a sua nova rede de sentidos no presente, inventando mitos.